

“Toda atividade educativa é uma ação política, no sentido de desenvolver o senso crítico do aluno, para uma tomada de posição consciente diante dos fatos e da sociedade”.

Paulo Freire

Piauí? O que Piauí? Como Piauí? Porque Piauí? Onde Piauí?

Um estado, ali acima no Brasil, com pouquinha Praia, muito calor, uma história inteira, sua, um povo com seu jeito de contar, cantar e viver. Por meio do Conexão Local Interuniversitário (CLIU) eu pude parar para pensar sobre o Piauí – estado que nunca antes tinha passado por minha cabeça, sobre o qual eu não sabia informação alguma, além de que se situava no Brasil e no Nordeste.

Foi minha primeira experiência de pesquisa e de campo. Além de conhecer outra realidade, o que por si só para a experiência de estudantes de graduação já é muito relevante, ir a campo entender um pouco mais sobre as Escolas Família Agrícola da FUNACI (Fundação Padre Antônio Dante Civieiro) me fez abrir à mente para o fato de que ouvir o que as pessoas, cidadãos e cidadãs, têm a falar é talvez a melhor forma de se conhecer uma realidade de forma profunda e, mais ainda, é – deve ser – o ponto de partida para se pensar sobre alternativas institucionais que contribuam efetivamente para a transformação de realidades. Aprender com sindicalistas e líderes de associações, por vezes analfabetos, sobre os problemas que eles mesmos convivem é entender e observar que livros e pesquisas quantitativas, objetivas são por demais restritas, embora tenham sua importância.

A ideia da Escola Família Agrícola, ademais, apontou, em minha formação como administradora pública, para o caminho das soluções e intervenções oriundas da cabeça daqueles mais interessados em políticas públicas realmente efetivas – aqueles que integram a sociedade civil. A partir das EFAs, entendi que o papel do Estado não é sempre o de inventar a roda para superar problemas que identificamos “aqui de cima”. É, juntamente com os interessados, pensar alternativas, muitas vezes simples, que se adequem às realidades; ou mesmo, apoiar, de forma a garantir a autonomia dos projetos, iniciativas, que dão resultado, já existentes. Passei a compreender melhor, por meio do CLIU, as dificuldades inerentes à relação governo/Estado e sociedade civil: ambos partem de lugares distintos, possuem interesses distintos, informações distintas acerca de todos os aspectos envolvidos em um problema e em uma política, e inclusive, muitas vezes possuem objetivos muito distintos. Lidar com essas

---

dificuldades, de modo a “conciliar” interesses, é uma tarefa bastante difícil que os gestores públicos lidam a todo momento.

Sobre a oportunidade que o Conexão propicia de vivermos e convivermos um pouquinho com as pessoas do lugar, envolvidas de certa forma com o objeto a ser estudado, pude sentir, na pele, no paladar, o gosto de ser igreja na base organizando o povo e tentando construir com ele alternativas de sobrevivência que ao Estado caberia o dever; o gosto de ser assentada, direito conquistado por meio da luta coletiva; o gosto da farinha de todos os dias; o gosto da farinhada que agrega crianças, mulheres, moças, velhos, homens, rapazes em torno do forno, das peneiras, das bacias, dividindo o trabalho com muita cantoria e a esperança de que a farinha alimente por bastante tempo. Pude ouvir e ver o impacto de políticas que vem lá de cima – e a gente não pára para pensar que elas realmente chegam nos cantões do Brasil, causando justiça ou injustiça, garantindo a transformação ou a manutenção das estruturas de divisão das riquezas e do poder. Pude comprovar que as pessoas sabem sim o porquê elas acreditam em quem acreditam, que elas sabem sim da onde vêm e para onde querem ir – daí cabe ao Estado estar próximo o suficiente para apreender essa sabedoria e aplicá-la, por meio dos recursos dessa gente, para a melhoria nas condições de vida dessa gente e não para uns poucos com mais recursos de poder.

Alguns aspectos mais pessoais também são relevantes na formação “acadêmica” dos estudantes e foram propiciados pelo CLIU: a oportunidade dos/as estudantes se responsabilizarem por diversas situações em que nunca se viram antes; terem que dar conta de um trabalho de pesquisa e síntese dos aprendizados muitas vezes sem jamais terem tido alguma experiência prévia; a autonomia exigida no campo e durante todas as etapas do programa; entre outros aspectos propiciam um amadurecimento incrível – e hoje vejo que minha trajetória acadêmica posterior ao Conexão Local foi imensamente influenciada por essa primeira experiência, que, primeiro, indicou áreas do conhecimento e de atuação que eu ainda não tinha me atentado, mas que hoje vejo que condiziam e condizem bastante com meus anseios acadêmicos, profissionais e pessoais e, ainda, me deu fôlego (e de certa forma coragem e desejo) para embarcar em outras experiências semelhantes ao Conexão.

Marcante também na experiência é a possibilidade dos/das estudantes conviverem e trocarem conhecimentos, experiências, anseios e angústias com pesquisadores/as mais experientes que os/as orientam e apoiam durante todas as etapas do programa. No meu caso, não sei se especialmente, as trocas com aquelas que supervisionaram minha trajetória no CLIU permanecem ainda quatro anos após a participação no Conexão. Como mencionei na seção de agradecimentos da minha monografia de conclusão de curso: “...as amigas que surgiram no meio do caminho, Veronika e Tati – que já compartilharam desde as coisas bonitas da vida às esperanças de que os saberes compartilhados gerem resultados”. Não há palavras que deem conta da grandeza dos aprendizados adquiridos; no quesito ‘pesquisa’, no terceiro período de faculdade, aos 19, aprendi muito sobre metodologia, sobre investigação prévia e de campo, sobre o processo de sistematização de experiências, conhecimentos e realidades, sobre prazos,

---

---

limites e possibilidades e, ainda, ética e responsabilidades de pesquisador/estudante.

Diferente de muitos outros estágios de vivência e projetos de extensão, o Conexão Local não se propõe a modificar realidades, diretamente. O que pode parecer, à primeira vista, perverso (ir a campo, colher informações para análise do objeto de pesquisa, escrever um relatório, apresentá-lo e não oferecer nenhum retorno objetivo ao 'campo'), pode ser visto como responsável, se pensarmos na limitação da academia em proporcionar transformações efetivas às realidades em processos/projetos com prazos curtos e recursos limitados. Soluções paliativas, de certa forma 'agitativas', que não representem alternativas sustentáveis ao longo do tempo talvez não propiciem tamanho aprendizado aos estudantes quanto o Conexão. Nesse sentido, o CLIU se propõe a levantar informações e análises de iniciativas de intervenção social de relativo sucesso, para ampliar a visão de futuros gestores públicos acerca de alternativas e possibilidades de intervenção e a visão acerca das dificuldades inerentes ao exercício das funções do Estado. Nesse sentido, sob o ponto de vista do projeto que acompanhei e da minha participação no Conexão, considero que o mesmo alcançou seus objetivos, contribuindo para minha formação e a daqueles envolvidos no projeto.

Um trecho do relatório de campo produzido e apresentado na EAESP-FGV/SP em 2010:

“(...) cabe destacar que a experiência vivida no Piauí com o projeto de Escolas Família Agrícola, nos propiciou, enquanto estudantes de Administração Pública, a ampliação de nosso olhar acerca das possibilidades para o desenvolvimento social. Diante de um quadro de subdesenvolvimento, pobreza, baixa estima e subjugação de pessoas, uma experiência oriunda da sociedade civil como a Escola Família Agrícola, que integra crianças, jovens, famílias, igreja, sindicatos, comunidades, poder público, instituições não governamentais, pode representar o início de uma mudança local necessária que vai de encontro a grandes períodos de injustiça e desigualdade social. Ou seja, o desenvolvimento social não está vinculado necessariamente a políticas de governo e/ou de Estado, desenvolvidas por técnicos e especialistas; mas, ao mesmo tempo, e como pudemos presenciar, à mobilização das pessoas que, inseridas em seu contexto, o conhecem. Parece caber, portanto, ao Poder Público, o incentivo e fomento dessas iniciativas que, a nosso ver, passam por tantas dificuldades justamente por falta de apoio e legitimação”.

---